

Nº 3 - Ano II
Jan - Fev/94

SE/94

A AEE elabora projeto para a Semana Euclidiana de 94

Com uma proposta de realização da SE/94, a diretoria d'A AEE se prepara para apresentá-la em reunião com a prefeitura de Rio Par-

O
B
e
r
r
a
n
t
e

Conforme anunciamos na última edição, A Associação de Estudos Euclidianos já pensa na SE/94. O projeto que será levado a São José para apreciação da prefeitura está pronto. Nossa proposta prevê a realização de um Seminário com temáticas que transcendam o próprio euclidianismo, discutindo questões nacionais, sem se restringir a aspectos elementares da vida e da obra de Euclides da Cunha.

A rigor, o projeto já deveria ter sido apresentado numa reunião programada para o final de outubro. Mas essa reunião teve que ser cancelada, em virtude do falecimento do pai do prefeito de São José. Ela agora está marcada para o dia 26/2 (ver página 3). Ao lado, um resumo do texto do projeto.

O texto do projeto

Dos objetivos

A Semana Euclidiana pode configurar-se como uma maneira extremamente frutífera de fomentar a discussão entre os jovens acerca de muitos temas importantes da atualidade já refletidos na obra euclidiana. Dessa forma, o pensamento e a obra de Euclides da Cunha se prestariam como veículo de acesso a essa discussão, criando um movimento vivo e atuante com verdadeiro espírito cultural.

É imprescindível, portanto, a abolição do "euclidianismo" que não transcende as próprias fronteiras, fechando-se no hermetismo digno do sentimento religioso dogmático de adoração do "suposto ídolo". A grande qualidade, sem dúvida, do pensamento euclidiano reside exatamente no seu potencial de acender as discussões mais diversas e questionar as posições, mesmo as mais arraigadas.

Com base nessa idéia é que A AEE elaborou um projeto que julgamos inovador para transformar a Semana Euclidiana na maior oportunidade da vida desses jovens desenvolverem, mantendo contato com intelectuais de renome internacional, o espírito crítico e, assim, adotarem as suas próprias opiniões sobre as mais diversas questões. É objetivo d'A AEE, ao elaborar tal proposta, que o ciclo de estudos da Semana Euclidiana transforme-se num evento cultural em nível nacional, de maneira inédita no panorama cultural

brasileiro.

Da proposta

Assim como precariamente realizado no ano de 1993, o ciclo de estudos proposto pel'A AEE configura-se da seguinte maneira: 1) presença de intelectuais das mais diversas áreas relacionadas com o euclidianismo, tais como sociólogos, jornalistas, escritores, historiadores, cientistas políticos e todos os que tiverem interesse em participar de uma discussão aprofundada sobre temas euclidianos; 2) palestras diárias intercaladas com debates nos quais serão discutidos pelos próprios alunos os temas abordados pelos palestrantes, com a presença e intervenção dos mesmos; 3) transformação da maratona cultural em uma prova eminentemente dissertativa nos moldes já adotados em Semanas Euclidianas anteriores, com a ressalva de que a liberdade de expressão deve atingir os limites máximos; 4) publicação das melhores dissertações, se possível, na imprensa local e, com certeza, no órgão de informação d'A AEE distribuído gratuitamente a todos os maratonistas cadastrados, participantes desde 1975 e outros interessados; 5) remuneração compatível com a importância dos palestrantes e com o nível das palestras, através de patrocínios e bolsas que eventualmente poderão ser conseguidas; 6) estrutura para hospedagem e transporte dos

(continua na pág.3)

(Edição fechada no momento em que a onça foi beber água)

Datas

Atendendo a pedidos estaremos divulgando, a partir desta edição, os dias dos aniversários de nossos colegas, além de outras datas importantes. Pedimos desculpas se deixarmos alguém de fora, pois não temos cadastrados os aniversários de todo mundo. Se você quiser incluir o seu na lista, nos escreva.

Janeiro. Dia 5: Cristina Accorsi (Jundiaí). Dia 12: Siliane, a Bonitinha (São Paulo). Dia 13: Prof. Paulo Dantas. Dia 17: William Gonçalves (Osvaldo Cruz). Dia 19: Prof. Oswaldo Galotti. Dia 20: Adriano Leite (Franca). Dia 23: Regiane (Jundiaí), nossa querida "tia". Dia 31: Daniela (São Paulo) e Alessandra, a Lezinha de Lorena.

Fevereiro. Dia 1º: Raquel Antonio (Jundiaí). Dia 2: Cristiane Reda (Campinas). Dia 9: Guareide (Jundiaí). Dia 18: Adriana Cintra (Franca). Dia 20: Prof. Stênio Esterer. Dia 21: Wandréia (Penápolis) e Lilian Merli (Jundiaí).

Voltando a janeiro, não poderíamos nos esquecer da data mais importante de todas. No dia 20, Euclides da Cunha, o Imortal, completa 128 anos de vida! Volta Euclides!!! E parabéns a todos.

Frases

"Ou progredimos ou desaparecemos"

Frase-lemma dos maratonistas na SE/86

O maratonista é antes de tudo um forte!

Frase-lemma dos maratonistas na SE/87

"What shall do a man but to merry..."

Frase-lemma dos maratonistas na SE/88

EDITORIAL

Sente-se antes de ler!

Você que se surpreendeu com a chegada d'O Berrante nº 2, certamente cairá da cadeira ao receber O Berrante nº 3. Contrariando todas as expectativas mais desejáveis, nosso a-periódico (pasmem!) está outra vez nas mãos dos maratonistas.

"Estamos a meio caminho de mais uma Semana Euclidiana. É hora de começar a reviver a magia."

fonemas, cartões; maratonistas desaparecidos há muito ressuscitaram das cinzas e deram ares de sua graça. O que nos levou a investir mais alguns reais no Projeto Antônio Conselheiro, dando mais

Poderia ser pouco, fosse só isso. Mas, incrível, nosso querido órgão oficial de informação e prazer dobrou de tamanho. Nossa segunda edição, pode-se dizer, foi um sucesso. Recebemos cartas, tele-

espaço para o diálogo com a moçada.

Sim, por mais prestimosos que pretendamos ser, nem tudo é perfeito. Afinal, O Berrante é o periódico mais sem periodicidade de que se tem notícia. Mas só o tempo e o engajamento de mais pessoas - além dos abnegados de sempre - neste trabalho é que poderá transformar A AEE e seu jornal em referência obrigatória (uau!) para a sociedade brasileira.

O momento é de pensar no futuro. Estamos a meio caminho de mais uma Semana Euclidiana. É hora de planejar o reencontro e começar a reviver a magia. Até lá teremos muito que trabalhar para que a SE deste ano seja melhor que a de 93. Os maratonistas não devem só reclamar. Devem se mobilizar para que a nossa presença e o nosso espaço sejam respeitados.

Que Euclides nos guie (e nos livre das garras de Félix, o malvado)!

André L.L. Daibes
Presidente d'A AEE

Cartas

Saudades da SE

Esse foi o primeiro "O Berrante" que eu recebi e adorei, apesar de ter sido fechado aos 46 do 2º tempo. Acho, inclusive, que ele é digno de prorrogação.

O texto que fala sobre a SE de 87, intitulado "O dia seguinte", caiu "como uma luva" para mim. É incrível o **tédio** que nós (a Daniella, também de SP, e eu) sentimos no dia seguinte à nossa chegada às cavernas.

Todo o pessoal do "Miguel de Cervantes" que participou da SE "adorou" a gororoba, os colchões de 3 cm cedidos com "muita boa vontade" e, é claro, o banheiro do alojamento, que é uma "coisa de outro mundo." Por todas essas razões todos nós queremos voltar pra lá no ano que vem.

Aqui vão os agradecimentos do pessoal do Miguel (incluindo as professoras Célia e Conceição) a toda essa Associação fudega que

nos aplicou uma injeção de ânimo e coragem.

Luciana Martinez Ceccato, São Paulo, SP

Continuem com ânimo e coragem. Afinal, metade do tempo que faltava para a próxima SE já correu. O tempo passa, o tempo voa...

Jornal "animal"

Recebi no começo do mês (novembro) "O Berrante". Superfudega, "animal" mesmo esse jornal. Euclides deve ter dado cambalhotas na tumba, ou melhor, na herma, com aquele passatempo do Alex, hein?

Os *Cânticos Euclidianos* merecem umas fitas, quem sabe a moda no verão não seja a *cornomusic!*

P.S.: Seria legal colocar n'O Berrante uma coluna com os aniversariantes de cada mês, fica a sugestão.

William Gonçalves Cardoso,

Osvaldo Cruz, SP

A sua sugestão é muito boa, e aí está a coluna de Datas ao lado.

*

Mané, O Berrante é muito animal! Pô, mas precisava pôr a nota do "contar parafuso"? As maratonistas não arriscam mais. Perdi a moral com elas.

P.S.: Não seria melhor: "Volta S'Anninha"?!?

Alex Rocha, São Sebastião da Gramma, SP

O caso do "contar parafuso" (Frases, O Berrante nº 2) já era público. Quem sabe as maratonistas não se interessam por essa proveitosa atividade. Pedir a volta de S'Anninha ao invés de Euclides também não é má idéia. Existem certos euclidianos que adorariam...

P.S: Por motivos de espaço as cartas foram editadas

2º CLICHÊ/SEMANA EUCLIDIANA 93

Divulgados os ganhadores da Maratona

São José do Rio Pardo fez a "festa" ao levar as quatro primeiras colocações

A Associação de Estudos Euclidianos obteve uma lista parcial com os cinco primeiros classificados na maratona da SE/93. São José do Rio Pardo surpreendeu a todos ao colocar quatro maratonistas nesse grupo de vencedores. Eis a lista dos nomes e suas respectivas notas:

1º Fausto Salvadori Filho (Sanzé) - nota 10;

2º Paulo Sérgio Herculanino (Sanzé) - nota 8,4;

3º Marco Aurélio Gumieri Valério (Sanzé) - nota 8;

4º Luciano Riboli Raddi (Sanzé) - nota 7,7;

5º William Gonçalves

Cardoso (Oswaldo Cruz) - nota 7,6.

Paulo Herculanino, segundo colocado, é sócio d'A AEE desde 1989, quando participou de sua primeira maratona. William Gonçalves, o terrível de Oswaldo Cruz e único dos cinco primeiros que não é riopardense, participou de duas SE's (92/93). Os outros três alunos, inclusive o vencedor, foram estreantes em 93.

A Associação procurou, junto à Casa Euclidiana, obter o restante da lista de classificação. No entanto isso não foi possível ao menos até o momento de fechamento desta edição.

A AEE parabeniza os cinco colegas pelo desempenho que obtiveram.

4º CLICHÊ/CONVOCAÇÃO

Reunião dos maratonistas

Dias 26 e 27 de fevereiro

São José do Rio Pardo

Bem na hora em que fechávamos a edição, a notícia foi confirmada: está marcado para a data e o local acima um tão sonhado encontro de maratonistas. Durante essa reunião AAEE vai apresentar o Projeto SE/94 para as autoridades municipais de São José do Rio Pardo. Marque a sua presença e participe desse debate. Se estiver interessado em participar, entre em contato com nossa redação o quanto antes (Rua Antonio Abdo, 99, CEP 04164-060, São Paulo, SP. Tel.: (011) 946-5573). Ou simplesmente apareça por lá. Todos a Sanzé do Rio Pardo. Oh, fudega!

O texto do projeto

(continuação)

palestrantes também condizentes com a importância do evento; 7) estrutura de apoio aos palestrantes mais especificamente no que diz respeito aos equipamentos utilizados nas suas palestras tais como impressos e equipamentos audiovisuais; 8) realização de pequenos eventos nos colégios e cidades tradicionalmente participantes para despertar o interesse pelo evento entre os possíveis maratonistas e, principalmente, promover um primeiro contato desses alunos com o movimento d'A AEE. Esses eventos dependeriam exclusivamente do apoio da direção das escolas e das prefeituras; 9) para os participantes de cidades onde não for possível realizar os eventos supra, seria enviado um manual contendo as informações básicas necessárias ao maratonista para que ele pudesse, de forma completa e atuante, participar dos debates e discussões do ciclo. Acreditamos que as propostas dos itens 8 e 9 reduzirão a necessidade de palestras introdutórias no corpo do ciclo de estudos e colaborarão sobremaneira para a elevação do nível dos debates e palestras.

Da realização

Para proferir as palestras propomos intelectuais, na sua maioria, do estado de São Paulo, pois além do aspecto econômico vantajoso é no nosso estado que concentram-se os maiores estudiosos dos assuntos de interesse, sobretudo nas universidades estaduais (USP, Unicamp, Unesp). Não descartamos, no entanto, os intelectuais de outros estados, ou outros que tenham a contribuir mesmo não estando ligados a nenhuma instituição de ensino superior.

Listamos algumas sugestões de nomes, alguns, inclusive, já contactados e que demonstram interesse em participar:

Paulo Sérgio Pinheiro (sociólogo e cientista político), Alaôr Caffé Alves (advogado e professor), Luiz Sérgio Modesto (advogado e cientista político), Lilia Schwarcz (cientista política e professora), Maria Lúcia Montes (cientista política e professora), Francisco Foot Hardman (professor), Roberto Ventura (jornalista), Valentim Faccioli (professor), Edgard Carone (historiador), José Ênio Casalechi (historiador), Oswaldo Gallotti (médico e euclidianista), Walnice Nogueira Galvão (professora), Marilena Chauí (socióloga), Elvis César Bonassa (jornalista), Fernando Moraes (escritor), Dalmo Dallari (advogado e professor), Goffredo da Silva Telles (jurista), Eduardo Suplicy (economista e senador), Mário Covas (senador), Gilberto Dimenstein (jornalista), José Roberto Battochio (advogado e pres. da OAB).

Dentro do projeto d'A AEE serão necessários, para 6 dias de palestras, 12 palestrantes convidados. No que diz respeito à estadia e alimentação dos palestrantes entendemos que deverão ser instalados no Hotel Manauara em quartos individuais e receber uma alimentação diferenciada em algum restaurante da cidade.

Estimamos em 100 o número de maratonistas participantes, alojados em ginásio de esportes e recebendo refeições estilo "bandeirão".

Dessa forma, estimamos como custo total para a realização do ciclo de estudos a quantia de US\$ 5.000 onde já estão incluídas as despesas concernentes à estruturação das palestras e divulgação do evento.

(Obs.: você pode escrever para O Berrante também para opinar sobre este projeto, fazendo novas sugestões que poderão ser incluídas).

ARTIGO I

Declaração de amor a São José do Rio Pardo

Fiquei em São José do Rio Pardo do dia 8 ao dia 12. Nesta cidade principiei-me sob muitas angústias e momentos de alegria, conheci muitas pessoas lindas por dentro e por fora, senti muito em deixá-los sem me despedir, mas motivos de saúde fizeram-me partir.

Conheci ali também pessoas que viviam próximas a mim, as quais eu não sabia que eram tão especiais. A cidade provou da minha ira e da minha angústia e só em casa percebi que guardo-a dentro de mim. Triste foi voltar à realidade e não poder trazer, além das fotos, todos aqueles momentos inesquecíveis.

A cidade talvez tenha ficado triste pois esperará que outro ano venha, para que também os mesmos ou outros jovens despertem-na à noite ou no dia para a vida, cantarolando músicas, desfrutando de suas praças em constante paquera, essa mocidade por quem pulsa seu cobijado coração.

São José do Rio Pardo, agradeço a todos que me fizeram cientes do teu existir.

Cilene Xavier Silva
(Jundiá)

Maratonista participante da
SE/93

(Continuamos esperando pela sua colaboração. Mande sua carta para O Berrante com sugestões, críticas, opiniões etc. Você também pode mandar seus artigos, poemas, contos, crônicas, quadrinhos e adjacências para serem publicados. Participe!)

ARTIGO II

Encontro de

Enganam-se nossos detratores se acham que nos deixamos vencer pelos acontecimentos da última Semana Euclidiana, devido a este nosso silêncio dos últimos tempos. Aliás, não nos deixamos vencer e nem sequer nos intimidamos com eles. Acontece que a Semana Euclidiana, a convivência com aqueles estudantes que ainda se obstinam a ir a São José do Rio Pardo, isso inocula na gente um lirismo tal que, caso não permitíssemos que esse lapso de tempo ocorresse, seria possível que fô s s e m o s d e m a s i a d o indulgentes com q u e m definitivamente não o merece.

A extensa polêmica causada em torno da nossa participação, da participação d'A Associação de Estudos Euclidianos nas atividades acadêmicas da Semana Euclidiana 93 foi, diríamos, a única novidade relevante da área. Essa polêmica, que teria sido absolutamente estéril não fosse seu mérito de ser polêmica, teve lances bizarros, que beiraram o nonsense clássico dos filmes dos Três Patetas (N. do A. - com diferença apenas no número de patetas...) ou a comicidade ingênua dos desenhos do Gato Félix. A tentativa de nos constituir em anátemas do culto euclidiano (sic) produziu jóias do quilate de "isso é coisa de comunistas e petistas radicais"; "assim você atrapalha meu serviço" e, pérola das pérolas, a mimosa comparação de nossas gentis pessoas com os moinhos de vento a serem combatidos por

pretensos Dom Quixotes. Ora, em que pese todo o idealismo admirável que Miguel de Cervantes imprimiu ao seu fidalgo de la Mancha, e que nos perdoem os professores de literatura hispânica e em particular nossos diletos amigos do Colégio Miguel de Cervantes, Dom Quixote era, no final das contas, apenas um velhinho senil meio doido, e que foi vencido pelos moinhos de vento.

"Querem nos transformar numa horda de hunos sanguinários, cujo único objetivo é destruir os pilares do culto euclidiano"

Não nos deixamos seduzir, porém, pelo canto da sereia do veni, vidi veci, pela prepotência fácil daqueles que se julgam donos da verdade, que se crêem absolutos e pior, onipotentes em seus nichos de vaidade. Temos absolutamente claro

que sozinhos não somos nada e que a Semana Euclidiana só pode ser feita em cooperação, porque ela é antes de tudo isso: cooperação. Já no editorial de O Berrante (nº 1, out./dez. 1992) escrevemos, a esse propósito: A solução para esses problemas (da Semana Euclidiana) passa, obrigatoriamente, pela troca de experiência entre aqueles que a inventaram (e que até agora a prestigiam) e aqueles que, agora, pretendem se esforçar para que ela evolua. É isso que está sendo ignorado talvez deliberadamente por nossos pretensos antagonistas (sic). Querem nos constituir numa horda de hunos sanguinários, cujo único objetivo é destruir os pilares do culto euclidiano e se possível, não fazer prisioneiros, arrastando o nome de Euclides da Cunha pela lama e entoando cânticos em louvor ao Conselheiro (como se estivéssemos nos deparando

paralelos

"... haverá muitos chapéus e poucas cabeças..."
(Antônio Conselheiro)

com um antagonismo Euclides/Conselheiro, o que é totalmente absurdo!), quando o que pretendemos é tão somente unir nossas cabeças e atacar outras frentes de trabalho.

A história do que ficou conhecido por Seminário Paralelo (sic) ilustra bem o tipo de pensamento burocrático-autoritário que regeu nossas relações neste último agosto. Planejado a princípio para ser um seminário destinado a universitários e ex-maratonistas, aqueles que já sabem quantos parafusos tem na ponte, em quantas cidades Euclides morou, quem disse a frase "é tempo de murici, cada um cuide de si" - público usualmente não atendido pelas atividades da Semana Euclidiana até o momento - o Seminário Brasil de Euclides e o Nosso: Contrastes e Confrontos se propunha a discutir não esses fatos fundamentais da obra euclidiana, porém apenas se, a partir da obra e do tempo de Euclides, e lastreados pela visão pioneira que ele nos deu, o Brasil mudou ou não, e se sim ou se não, para melhor ou pior - discussão essa que também se constituía em um nicho

temático inexplorado. Essa abertura foi mal compreendida e mal aceita: "Para que vir à Semana Euclidiana se não é para falar de Euclides? Isso é bobagem!" Para nossa sorte, não acharam bobagem personagens como Paulo Sérgio Pinheiro, do Núcleo de Estudos da Violência da USP, a maior autoridade brasileira em direitos humanos hoje, nem Luís Sérgio Modesto, da Faculdade

de Direito da USP, um dos mais promissores teóricos da semiótica aplicada ao Direito, muito menos Francisco Foot Hardman, da Unicamp, grande conhecedor da realidade brasileira e da obra euclidiana, dentre outros, que se dignaram a vir até São José do Rio Pardo apenas pelo prazer da ciência, e que traçaram para um pequeno e improvisado, porém seletivo público, um esclarecedor painel de como a mesma arbitrariedade que autorizou a Campanha de Canudos e à época de Euclides permeou a história da república, atravessou ditaduras e golpes de estado, chegou aos nossos dias e até se podia respirar ainda no ano da graça de 1993, às margens do Rio Pardo. Ele se tornou paralelo porque, devido aos inúmeros desencontros e contratempos ainda na fase de preparação da programação e

do seminário em si, fomos totalmente varridos da face oficial da Semana Euclidiana.

Nunca quisemos ser paralelos (sic). Quisemos sim ocupar o espaço que sabemos que podemos. Da mesma forma que não desistimos não

desistiremos. Porque temos o apoio dos lúcidos de São José do Rio Pardo e de fora. Porque não nos assustamos com caras feias. Porque a prática bárbara de cortar as cabeças dos inimigos não se usa mais. Porque o tempo de muitos chapéus e poucas cabeças não é chegado.

Mário Eduardo B. Baldini
Secretário Geral d'A AEE

3º CLICHÊ/NOTAS Reformada a Casa Euclidiana

A Casa Euclidiana finalmente foi reformada no final do ano passado. A AEE constatara, há mais de um ano, graves problemas na conservação do prédio. Na cozinha havia, inclusive, uma enorme fenda em uma das paredes, por onde já quase podia passar uma cabeça. Foram feitos inúmeros apelos para sensibilizar as autoridades, a fim de obter recursos para uma reforma urgente.

No fim do ano passado a Secretaria Estadual de Cultura liberou os recursos necessários à reforma. Os reparos na cozinha estão prontos e já foi autorizada a descupinização do prédio e dos móveis.

AEE registra

novos sócios

Nos meses de novembro e dezembro a Associação de Estudos Euclidianos recebeu a inscrição de mais dois novos sócios. São eles **Luciana Martinez Ceccato** (São Paulo) e **Emerson Charnet** (Gavião Peixoto). Sejam bem-vindos!

Você, que ainda não se associou, está esperando o quê? Recorte logo a ficha de inscrição da página 7 (tire xerox, se não quiser estragar seu maravilhoso jornal), preencha com letra legível (pelo amor de Euclides!) e envie para a Secretaria Geral (Rua Luís Mori, 217, CEP 18611-250, Botucatu, SP). Reserve logo o seu lugar no céu.

Campeão de berrante

Márcio Della Torre, um boiadeiro de São José do Rio Pardo, é tri-campeão brasileiro de berrante. A nota saiu no telejornal da Globo SPJá, em 12/1. Tudo a ver, não?

Notícias das cavernas

A greve de mais de dois meses dos professores da rede pública, em São Paulo, atrapalhou decisivamente o esquema de realização das Semaninhas Euclidianas. Assim, o projeto das Semaninhas de Franca e Lorena ficou para o ano que vem. Outras cidades estão na lista. O nosso secretário geral, Mário, já planeja a Semaninha de Botucatu.

HISTÓRIA

POR QUE PAROU? PAROU POR QUE?

A SE sempre produziu "causos" memoráveis, que são lembrados e recontados pelos maratonistas de todos os tempos

Entre os maratonistas existe um consenso de que em 1987 tivemos uma das melhores - senão a melhor - Semanas Euclidianas dos últimos tempos. Foi um ano em que, mais do que nunca, tudo poderia acontecer.

Uma história merece destaque. Quem não conhece o famoso refrão *Por que parou/Parou por que?* De uns anos para cá tornou-se muito comum ouvi-lo em meio aos mais diferentes lugares: bares, shows, estádios de futebol, ginásios esportivos etc. Mas o que muito poucos sabem é que, bem antes disso virar moda, os maratonistas já faziam a festa desde a SE/87.

E haja fôlego para agüentar aquela Semana. As fudegas pintavam em qualquer hora e lugar. Numa daquelas madrugadas, já por volta das quatro da manhã,

Os maratonistas do Colégio Miguel de Cervantes, após o regresso à caverna, tiveram oportunidade de apresentar em sua escola algumas exposições sobre Euclides (vida e obra), os maratonistas e a SE em geral, revivendo um pouco do "espírito" euclidiano.

O Alex, lá de São Sebastião da Relva (numa boa) avisa que vai invadir as ondas do ar da cidade com a sua piratíssima, porém livre, *Corsário Gospel*, em FM 102 MHz.

Agradecemos pelas publicações estudantis que nos enviou o Êmerson (Gavião

todos estavam em frente à Praça Matriz tocando violão e cantando. De repente o fôlego ameaçou acabar, e baixa um grande silêncio. Os maratonistas se entreolham, não querem ser derrotados pelo cansaço. Alguém pergunta: "Por que parou?" Um outro sai no apoio: "É isso aí, parou por que?" E já que tudo tem que virar brincadeira, o coro de vozes foi aumentando e, sem querer, se criava ali um novo grito de guerra dos maratonistas. Sim, porque daí em diante, se o astral da moçada baixava, alguém puxava um *Por que parou/Parou por que* e os ânimos eram logo reestabelecidos.

Um mês depois veio o IV Femp, e um bom número de colegas esteve presente. A qualquer intervalo, por menor que fosse, os insaciáveis maratonistas soltavam o seu grito de guerra. No

Peixoto). Os periódicos da sua Unesp/Araraquara são "animais" em rock *underground*. Quem se interessar pela coisa pode ligar para (0162)22-1044.

O fogo dos maratonistas, durante a SE, para receber as letras de nossas músicas era tanto que previmos chuva de pedidos de exemplares de *Cânticos Euclidianos*. Estranhamente até hoje não nos chegou pedido algum. O que está havendo com a moçada? Ainda há tempo de mudar isso. Utilize o cupom da p. 7 para fazer o seu pedido, mandando-o para a redação de *O Berrante*. O cupom também pode ser utilizado para você pedir as camisetas d'A Associação.

início a galera mais próxima começou a nos acompanhar. No dia seguinte o pessoal do fundo também aderiu, depois a turma do outro lado. No fim do Festival eram cinco mil vozes num grito só: *Por que parou?... Parou por que?...* Foi de arrepiar!

Na Semana Euclidiana do ano seguinte (88), esse sucesso foi lembrado. E novamente um mês depois, no V Femp, os maratonistas estiveram presentes para fazer a festa. A essa altura os organizadores do Festival já haviam institucionalizado o nosso grito de guerra, projetando-o no palco através de um canhão de laser. E o seu sucesso se repetiu.

Aí veio o detalhe. Todo ano é contratado um show para realizar o encerramento do Femp. Em 88 esse show foi feito pelo músico baiano Luís Caldas. E aquele público que não lhe dava refresco, gritando *Por que parou/Parou por que* incansavelmente, não poderia deixar de chamar a sua atenção. Luís Caldas chegou a parar uma música para ouvir melhor o nosso grito de guerra. Nós gritávamos e ele tentava de alguma forma nos acompanhar na guitarra. Foi a glória!

Por motivos financeiros, a AEE deixou de enviar *O Berrante* nº 2 para uma parte de nossos colegas. Sendo assim, eles o estão recebendo agora, junto com o nº 3. Pedimos desculpas pelo atraso, e informamos que aceitamos doações em dinheiro, cheque e espécie.

E o Femp, hein? Pois é, já falamos dos problemas que tivemos e que nos impediram de convocar a moçada para o Festival, em setembro. A única maratonista testemunha foi a Raquel, nossa secretária-adjunta (isso porque ela é riopardense). Pelo que ficamos sabendo, o Femp deste ano foi o melhor de todos...

Eis que, no Carnaval do ano seguinte, Luís Caldas mais Moraes Moreira (que também já fez um encerramento do Femp, em 86) pegaram a força de nosso refrão, fizeram música dele e o levaram para cima dos trios elétricos na Bahia. E, se pintou no Carnaval da Bahia, então é coisa boa e sucesso garantido. A moda se espalhou rapidamente por todo o país, como tinha de ser.

Esta história seria apenas uma coincidência? Talvez. As origens daquilo que se convencionou chamar de cultura popular são sempre muito difíceis de se localizar. Pode ser que em algum outro lugar, antes ou depois dos maratonistas, esse grito de guerra tenha surgido, e se sabe lá como. A história que acabo de contar é só uma teoria (uma hipótese, dirão os mais pentelhos). Mas é uma teoria viável e coerente com os fatos verídicos aqui narrados.

Marcelo Lopes
Editor ih-responsável d'O
Berrante e testemunha ocular
das Semanas Euclidianas e dos
Femp's de 87 e 88

Secretaria Geral
Rua Luis Mori, 217
CEP 18611-250 - Botucatu, SP

A ASSOCIAÇÃO DE ESTUDOS EUCLIDIANOS

Foto

FICHA DE INSCRIÇÃO DE ASSOCIADO

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cidade: _____
Estado: _____ CEP: _____ Telefone: (____) _____
Data de nascimento: ____/____/____ R.G.: _____
Ano em que participou da SE: _____
Profissão: _____
Nome da escola que representou: _____
Endereço: _____
Assinatura: _____

Preencha com letra legível. Devolva à Secretaria Geral. Mande uma foto extra se desejar que lhe seja enviada a Carteirinha da Associação.

FICHA DE PEDIDOS

Desejo receber:

- Um exemplar de *Cânticos Euclidianos*
 Uma camiseta d'A Associação de Estudos Euclidianos

Tamanho: (____)P (____)M (____)G

Nome: _____

Endereço: _____

CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

Telefone: (____) _____

A Associação de Estudos Euclidianos

Remeta para a Secretaria Geral
Rua Luis Mori, 217
CEP 18611-250 - Botucatu, SP

Expediente

O Berrante - Editor responsável: Marcelo Lopes - Redação: Rua Antonio Abdo, 99, V. das Mercês, CEP 04164-060, São Paulo, SP, tel.: (011) 946-5573. A Associação de Estudos Euclidianos - Presidência: Rua Alves Guimarães, 1255, ap. 6,

CEP 05410-002, São Paulo, SP, tel.: (011) 282-5545; Secretaria Geral: Rua Luís Mori, 217, CEP 18611-250, Botucatu, SP, tel.: (0149) 22-4129. Diretoria d'A AEE - Presidente: André (São Paulo), 1º-2º-3º vice-presidente: Humberto (São Paulo/Franca), Secretário Geral: Mário (Botucatu), Secretária Adjunta:

Raquel (São Paulo/São José do Rio Pardo), 1º tesoureiro: Newton (Brasília), 2º tesoureiro: Newber (São Paulo/Botucatu), Diretor de Comunicação: Marcelo (São Paulo), Diretor de Assuntos Estratégicos: Danilo (Franca), Diretor de Assuntos Aleatórios: Rildo (São Paulo), Diretor de Porra-Nenhuma: Elvis (Brasília).

Números atrasados e correspondência em geral: contatar a redação d'O Berrante. Cartas e artigos enviados para publicação poderão ser editados em função do espaço disponível. Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Tiragem: 150 exemplares.

Memória perigosa

No Centenário de Canudos se resgata a figura de Antônio Conselheiro, agora um herói e não mais um vilão, como registrou a História. Símbolo da resistência e da luta dos sertanejos, o Conselheiro é também o símbolo d'A AEE. Segue um resumo de matéria escrita por Júlio José Chiavenato sobre Canudos e o Conselheiro, transcrita da revista Sem Fronteiras (outubro/93)

Antônio Vicente Mendes Maciel - Antônio Conselheiro para a historiografia, Bom Jesus para o povo - é um dos personagens mais caluniados do Brasil. Fanático, louco, supersticioso, traidor, ignorante, arruaceiro... Dos documentos oficiais, esses rótulos passaram para os livros de história. Apenas recentemente começou a mudar a imagem falsa que construíram para o Conselheiro.

Nasceu em Quixeramobim, no Ceará, em 1830. Aos 6 anos, fica órfão de mãe. Menos de dois anos depois, o pai se casa novamente, e o menino será maltratado pela madastra. Lembrará da infância como um "período de dor", mas aprende matemática, geografia, latim e francês.

Depois de várias peripécias sai pelo mundo, perambulando pelo sertão. Vai vivendo e conhecendo os sertanejos, os sem-terra, os posseiros perseguidos pela polícia. Mostra as injustiças, defende os fracos, condena os ricos. Fala a verdade: é um homem perigoso!

Não demora, prendem o Bom Jesus. E já começam a chamá-lo, ironicamente, de "Antônio Conselheiro". As autoridades o exibem como um louco que tem mania de dar conselhos. Mas o povo sabe quem é o Bom Jesus. Não é louco quem diz que Deus fez a terra para todos. O povo se revolta contra a sua prisão. As autoridades dizem que ele matou a mulher e a própria mãe. Prova-se que é mentira. Livre, ele volta para junto do seu povo. Não é louco, e muito menos um vagabundo com "tendência acentuada para a atividade mais inquieta e mais estéril, o descambar para a vadiagem mais franca", como afirma Euclides da Cunha, autor de "Os Sertões".

É um líder do povo.

O povo viu os bons morrerem pela independência, e a independência não veio. Ou chegou apenas para os ricos continuarem explorando. Assistiu o 13 de Maio e continuou sendo escravo dos donos da terra. Depois veio a República, mas tudo continuou como antes: o coronel mandando e garantindo a

posse de suas terras ociosas.

Em 1893, seguido por muita gente, o Bom Jesus chega às margens do rio Vaza-Barris, no sertão da Bahia, onde funda sua comunidade: o Belo Monte - que os poderosos depois chamarão de Canudos. Tem início ali o mais importante movimento social sertanejo nordestino. No Belo Monte todos vivem em comum: a terra é para todos, assim como é para todos o que ela produz. Plantam, criam cabras, vendem peles, fazem queijo, fabricam objetos de chifre e osso. Que exemplo mais terrível para os latifundiários! O Bom Jesus e sua gente provam que a terra, repartida, alimenta a todos. No Belo Monte não há fome nem pobreza.

A notícia corre pelo imenso sertão. Gente de todo canto vem juntar-se ao povo livre do Belo Monte. No seu auge, a cidade chega a possuir cerca de 25 mil habitantes, constituindo uma das maiores cidades nordestinas da época. Então, o poder acorda. Começa a repressão. Primeiro, espalha pelo país o boato de que, no sertão da Bahia, um fanático "desvia" o povo e promove arruaças, roubando fazendas. Fazendeiros, clero e governo se unem para destruir esse "comunismo" perigoso no sertão. Se o Belo Monte não for destruído, outros surgirão pelo Brasil inteiro.

Na luta para exterminar o Belo Monte, além das armas, usa-se a mentira. Dizem que se trata de um foco monarquista, financiado por estrangeiros para derrubar a República. A gente do Bom Jesus luta até o fim. Derrota três expedições. Por fim, a força bruta vence. Um exército de mais de 10 mil homens invade o Belo Monte, arrasando tudo.

Depois da "vitória" do exército, sobram cerca de 4 mil crianças. A grande maioria é vendida. As meninas, para serem prostitutas. Os meninos, para trabalhar como escravos.

O exemplo de Belo Monte começa a ser ressuscitado. Seus humildes habitantes provaram ser possível construir uma sociedade justa. E por isso foram massacrados.

